

Série Saúde Mental Coletiva

LINHAS DO TEMPO: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública

Analice de Lima Palombini
Vera Lucia Pasini
Daniel Dall'Igna Ecker

ORGANIZADORAS





A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa as vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



Analice de Lima Palombini
Vera Lucia Pasini
Daniel Dall'Igna Ecker
ORGANIZADORAS

Série Saúde Mental Coletiva

LINHAS DO TEMPO: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública

1ª Edição
Porto Alegre
2022



Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrave.**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;

Alcindo Antônio Ferla – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Ángel MartínezHernández – Universitat Rovira i Virgili, Espanha;

Angelo Stefanini – Università di Bologna, Itália;

Ardigó Martino – Università di Bologna, Itália;

Berta Paz Lorido – Universitat de les Illes Balears, Espanha;

Celia Beatriz Iriart – University of New Mexico, Estados Unidos da América;

Denise Bueno – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Emerson Elias Merhy – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil;

Érica Rosalba Mallmann Duarte – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Francisca Valda Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil;

Izabella Barison Matos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;

Héider Aurélio Pinto – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil;

João Henrique Lara do Amaral – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;

Júlio César Schweickardt – Fundação Oswaldo Cruz/ Amazonas, Brasil;

Laura Camargo Macruz Feuerwerker – Universidade de São Paulo, Brasil;

Leonardo Federico – Universidad Nacional de Lanús, Argentina;

Lisiane Böer Possa – Universidade Federal de Santa Maria, Brasil;

Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia, Brasil;

Luciano Bezerra Gomes – Universidade Federal da Paraíba, Brasil;

Mara Lisiane dos Santos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;

Márcia Regina Cardoso Torres – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil;

Marco Akerman – Universidade de São Paulo, Brasil;

Maria Augusta Nicoli – Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália;

Maria das Graças Alves Pereira – Instituto Federal do Acre, Brasil;

Maria Luiza Jaeger – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;

Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará, Brasil;

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – Universidade Federal do Pará, Brasil;

Ricardo Burg Ceccim – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

Rodrigo Tobias de Sousa Lima – Fundação Oswaldo Cruz/ Amazonas, Brasil;

Rossana Staevie Baduy – Universidade Estadual de Londrina, Brasil;

Sara Donetto – King's College London, Inglaterra;

Sueli Terezinha Goi Barrios – Associação Rede Unida, Brasil;

Túlio Batista Franco – Universidade Federal Fluminense, Brasil;

Vanderléia Laodete Pulga – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;

Vera Lucia Kodjaoglanian – Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil;

Vera Maria Rocha – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;

Vincenza Pellegrini – Università di Parma, Itália.

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista

Jaqueline Miotto Guarnieri

Alana Santos de Souza

Márcia Regina Cardoso Torres

Renata Riffel Bitencourt

Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

Ilustração Capa

Eleonora Graebin

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P1811 Palombini, Analice de Lima; **Pasini**, Vera Lucia; **Ecker**, Daniel Dall'Igna (org.).

Linhas do tempo: acompanhamento terapêutico na rede pública / Organizadoras: Analice de Lima Palombini, Vera Lucia Pasini e Daniel Dall'Igna Ecker – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022

232 p. (Série Saúde Mental Coletiva, v. 4).

E-book: 3.00 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-54329-50-1

DOI: 10.18310/9788554329501

1. Acompanhamento Terapêutico. 2. Casos clínicos. 3. Políticas Públicas. 4. Psicologia. 5. Saúde Mental. 6. Universidade. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

22-30180102

CDD 610.7

CDU 614.25

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Estudo, pesquisa e tópicos relacionados.

2. Medicina: Direitos e deveres, ética médica e temas relacionados.

Catálogo elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



Velozo RS & Serpa Júnior OD. (2006). O Acompanhante Terapêutico “em ação” no campo público da assistência em saúde mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9(2), 318-338, 2006. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1415-47142006002010>

Zambillo M. (2015). *Autonomias errantes: entre modos de ser autoimpostos e possibilidades de invenção de si*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: RS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/134693>



O sapato de Gislaine

Geovani Fachini da Silva
Analice de Lima Palombini
(UFRGS)

Há quem diga que Alfredo não falava muito. Seu jeito de proferir as palavras às vezes parecia inteligível para aqueles que esperavam uma voz ativa de quem grita sobre muros a nitidez de sua existência. Há uma surdez à palavra inenarrável, uma surdez ao silêncio proferido. Alfredo era um homem de estatura média, com uma idade que chegava aos cinquenta anos. Tinha um corpo delgado, cabelos finos e acinzentado. Sua pele era clara e continha algumas rugas do tempo. Não gostava de deixar sua barba e sempre estava com o rosto ao vento. Carregava consigo uma maleta preta, com o couro desgastado, onde transportava um livro antigo, quinquilharias e parafernálias para uso de seu tabaco. Ao seu lado empurrava uma pequena bicicleta vermelha, na qual não ousava subir, apenas a levava em suas caminhadas até o CAPS.

Alfredo participava de um coletivo de usuários do CAPS, que se reunia para debater temas sobre uso de suas medicações, assim como outras questões relacionadas às suas vidas. Era um grupo de alguns anos de existência, que toda quinta-feira fazia o seu encontro usual. Foi assim que conheci Alfredo.

O coletivo se reunia esporadicamente com grupos de outros lugares na cidade de Porto Alegre, para, então, compartilharem suas experiências. E assim foi naquele dia de dezembro. Viajamos de trem. Uma viagem de 50 minutos, passando pelas geografias das cidades vizinhas da capital do Rio Grande do Sul. Calor excessivo, e um vagão sem ar condicionado. As janelas abertas nos sufocavam com o ar quente de um verão por vir, misturado com os óleos profundos e ardentes exalados pela máquina. Os assentos estavam quase todos ocupados, restando apenas para alguns viajantes. Alfredo e eu viajamos de pé.

Em nossa companhia estavam Joana e Gislaine, também integrantes deste coletivo. Joana é uma mulher de estatura baixa, cabelo grosso e preto, com uma

gargalhada que acolhe a todos que estão à sua volta. Tem a pele clara, e sua idade chega aos cinquenta e cinco anos. Joana usa grandes óculos escuro, marcando sua presença forte, que busca sempre mostrar a que veio. Joana não mede as palavras para dizer aquilo que acha não ser justo, e sua indignação se apresenta como arma, que lhe resplandece sua força. Nos sentimos seguros com Joana. O problema é Joana sentir-se segura com as pessoas, pois sempre há aqueles que tentam lhe silenciar e deixam de ouvir suas palavras de revolta.

Gislaine é uma mulher miúda, estatura baixa, e usa seu cabelo bem curto. Tem a pele negra, com um brilho que reluz sua grandeza para além de seu tamanho. Sua idade completa os cinquenta anos. Não velha, porém muito dependente em suas atividades. Vive uma vida na condição de “doente”, é assim que sua família a considera. Tinha um sentimento apazível ao andar agarrada aos braços de um homem, e, nesse dia, meus braços se fizeram de empréstimo para que andássemos sorridentes pelas ruas.

Andávamos em bando no centro da capital numa tarde ensolarada e quente, explorando bancas de revistas. É que Joana queria comprar cartões de natal para seus familiares. Paramos em uma dessas pequenas bancas com paredes de metal, onde o vendedor, escondido atrás de uma grande quantidade de produtos, assistia a uma televisão minúscula com imagens preto e branco. Havia jornais, todo tipo de revista, cartões, gibis, balas e água com gás. Joana comprou um cartão para cada familiar que lhe provocava uma lembrança. Logo seguimos o caminho.

Gislaine vinha junto, braços dados comigo, toda vaidosa. Súbito tropeça, o salto de seu sapato descola. Alfredo, vestido com seu sobretudo absurdamente quente, foi o primeiro a notar a situação. “Olha ali uma sapataria!”, apontou, mobilizando o bando todo na incursão ao conserto do sapato de Gislaine.

A sapataria era quase não visível. Uma sala estreita que continha um grande balcão, onde atrás ficava Rubens, prateleiras de metal com diversos sapatos de longos anos, e um cheiro forte de cola. Rubens era um homem alto, um sorriso de canto de boca e em suas mãos lhe faltavam as pontas dos dedos. Estava calvo, quase nenhum fio de cabelo em sua cabeça. Usava um óculos, que caía abaixo dos olhos, e tinha um pouco de graxa nas mãos. Uma simpatia não óbvia, porém, acolhedora. Nos contara que estava ali naquele pequeno espaço há mais de vinte anos e que seguira os passos de seu pai, também sapateiro. Enquanto adaptava

pequenas tarraxas para prender o salto de Gislaine, fumava um cigarro, o que incentivou Joana a lhe pedir fogo. Não nos custou nada, Rubens, o sapateiro, fez de graça. Logo seguimos o caminho.

Escrever a cidade, um paradoxo

A cena narrada acima foi construída com artifícios ficcionais, a partir de experiências vividas com os usuários da saúde mental de um CAPS II da região metropolitana do Rio Grande do Sul, através de um passeio, uma caminhada nas ruas do Centro de Porto Alegre. Propomos, por meio da cena, pensar a cidade como produção de configurações de subjetividades. Colocamos em movimento um caminhar pelas ruas de forma a produzir experiências singulares que engendram modos de habitar o espaço urbano, subjetividades múltiplas.

O caminhar pelas ruas de Porto Alegre na companhia de Gislaine, Alfredo e Joana traz à tona lugares, cheiros, sons, ruídos, que se compõem numa narrativa urbana. São experiências relacionais que parecem potencializadas neste território da urbe — caminhar como uma forma singular de se relacionar com a cidade, um modo de escrevê-la. Mas que cidade nos propomos escrever?

Richard Sennett analisa o modo de constituição das cidades contemporâneas fazendo um percurso histórico desde a antiga Atenas até as grandes cidades contemporâneas como Paris, Londres e New York. O autor relaciona as vivências dos corpos de cada povo com a forma de organização do espaço urbano, demonstrando que, a partir da modernidade, o urbanismo foi construindo cidades em benefício de corpos em movimento. É dessa forma que uma noção de corpo inaugurada com o advento do capitalismo moderno influenciou diretamente o modo de construir as cidades: o corpo passou a ser compreendido como sistema circulatório de veias e artérias, entendendo-se anatomicamente suas partes de forma individual, e a mesma noção de corpo genérico estendeu-se aos projetos de mapas urbanos, projetando as cidades como organismo (cidade-organismo). A busca de um corpo saudável fez com o que o espaço urbano fosse moldado como fluxos de passagem, facilitando a circulação do transeunte (Sennett, 2003).

O autor alude ainda outras transformações urbanas que se relacionam diretamente com a proliferação do individualismo das grandes cidades. Uma

destas é a mudança dos acentos do transporte coletivo, que antes organizavam-se um de frente ao outro, instigando a socialização entre os viajantes. Posteriormente, nos transportes modernos e contemporâneos, os acentos são organizados em fileiras em uma única direção, fazendo com que os passageiros viajantes não se comuniquem entre si, reforçando a lógica de individualização (Sennett, 2003).

Os automóveis também acarretaram grande mudança na forma de habitar o espaço urbano, trazendo a velocidade, a rapidez dos movimentos, como experiência de amortecimento do corpo. Em grande velocidade, os viajantes não mais sentem as sensações do espaço e evitam os encontros. (Sennett, 2003).

O individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações. A dificuldade dos estrangeiros manterem um diálogo entre si acentua a transitoriedade dos impulsos individuais de simpatia pela paisagem ao redor – centelhas de vida não merecem mais que um lampejo de atenção (Sennett, 2003, p.289).

Assim vão se produzindo, sobre o corpo, os efeitos de uma globalização que impõe padronização e velocidade às cidades. Para Milton Santos, porém, a globalização, para além de uma captura do sujeito, faz com que também redescubramos a corporeidade: a incessante velocidade, difícil de apreender, marca uma materialidade sensível no corpo (Santos, 2006).

Eis um paradoxo. Ao mesmo tempo que os sentidos do corpo se amortecem ao serem capturados por uma aceleração do tempo, produz-se o efeito de uma materialidade do aspecto sensível sobre a corporeidade. A modernização contemporânea, diz o autor, mundializou todos os lugares. A lógica da metrópole se faz presente como princípio de “universalidade”. Essa mundialização universal acarreta uma desterritorialização do sujeito, com a perda de referências locais-espaciais-culturais. Segundo o autor, “quando o Homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação.” (Santos, 2006, p. 222). Contudo, “nos lugares complexos, que geralmente coincidem com as metrópoles, há profusão de vetores: desde os que diretamente representam as lógicas hegemônicas, até os

que a elas se opõem.” (Santos, 2006, p. 2018). Para Baptista (1999), as cidades, marcadas pela sua intensa diversidade e contradições, são territórios de conflitos e negociações.

Com Félix Guattari, aprendemos que as cidades são grandes máquinas produtoras de subjetividades e engendram, “(...) por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considerá-las.” (2012, p. 152). Porém, ainda que a produção capitalística se dê de forma global, há sempre aquilo que escapa e rompe com tais lógicas. São linhas de fuga que, conforme Guattari e Rolnik (1996), frustram esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, gerando uma subversão da ordem capitalística e produzindo subjetividades desviantes. Trata-se de “(...) criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, (...) inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante.” (Guattari & Rolnik, 1996, p. 58). Escrevemos a cidade como esse campo complexo de contradições, experimentação e produção de subjetividades. Habitar seu paradoxo é nosso desafio.

Errar a cidade, corpo-tempo-espaço

Os carros passam velozmente descompassando o corpo, deixando rastros queimantes de óleos combustíveis e sons estrepitosos ensurdecedores aos ouvidos; um vendedor ambulante de pastéis frito oferece seu produto e aproveita para contar suas histórias de pescaria no Recife; o barbeiro, a cantarolar, corta os restos de cabelos de velhos que leem o jornal na barbearia de grandes janelas com vidro transparente, no beco vazio de um centro movimentado; animais donos de si e abandonados circulam pelas ruas buscando comida e um pouco de atenção; pessoas olham para o chão enquanto caminham, como se soubessem exatamente para onde ir; cheiros de fritura, esgoto e uma nova fragrância de perfume preenchem o ar, misturados ao bafo ardente que queima a pele. Restos, rastros, ratos, memória.

Cidade é movimento com seus trânsitos, barulhos e cheiros; com seus comércios, vitrines, prédios, praças, memórias, moradas, pessoas e animais; é cidade da exposição ao tempo, do frio e do calor; dos passantes e passeantes; das

vidas e subjetividades. Andamos por suas ruas. Nosso caminhar não se propõe aos trajetos retilíneos de um ponto a outro nem a um apreçamento turístico de paisagens pré-fixadas. Também não nos interessam os pontos de chegada. Buscamos nos perder na cidade como fazia Walter Benjamin (1987, p. 73), “como alguém se perde numa floresta”. Isso, diz ele, requer instrução. Buscamos atenção às minúcias, ao que se passa aos olhos em velocidade e dificulta a visão. Olhar com os pés, ouvir com os olhos.

Paola Jacques (2006) junta-se a Walter Benjamin para nos inspirar um caminhar errante pelas ruas. Com sua forma singular de experimentar o espaço urbano, o errante, diz a autora, se vale de três dimensões como guias: *perder-se na cidade; lentidão*; e produção de uma *corporeidade* outra.

Perder-se na cidade é romper com a orientação do espaço imposta pelos urbanistas e buscar outras formas de habitar a cidade, a partir da experiência. O errante guia-se pela desorientação do espaço, traçando caminhos outros. Perder-se, para o errante, ocorre voluntariamente, mesmo em lugares que já conheça, possibilitando criar outras conexões espaciais, diferente de sua memória local. A errância, então, ao se apropriar do espaço urbano, busca um processo de singularização.

Lentidão é uma negação do ritmo veloz imposto pela contemporaneidade. Mais do que uma oposição à aceleração do movimento, a lentidão errante busca criar outras referências espaços-temporais. Não se refere a uma temporalidade absoluta e objetiva, mas a uma experiência relativa e subjetiva do tempo e espaço.

Uma *corporeidade* outra é o que se produz na contaminação do corpo físico do errante com o corpo urbano. Na materialidade do corpo, a errância é uma experiência de incorporação da cidade (Jacques, 2006).

Assim, errância constitui uma resistência à lógica que visa a orientação do espaço como norma, a rapidez e, conseqüentemente, a diminuição da experiência sensível no corpo — lógica que constitui o pensamento urbanista hegemônico moderno (Jacques, 2006). Um outro conceito-experiência proposto pela autora parece-nos pertinente aqui. É o que ela denomina de corpografia. — experiência que registra no corpo a cidade, sua memória, os seus cheiros, seus sons, suas singularidades. É a incorporação do urbano, seu tateio. A corpografia é a cidade habitada no corpo, seus registros, a própria vida urbana. É a possibilidade de

preencher de sentidos o corpo que, sob o efeito da incessante aceleração, se esvazia (Jacques, 2006).

Milton Santos já nos dissera que o tempo que comanda a força da vida na cidade é o tempo da lentidão. Seguem suas próprias palavras.

Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade elogiada por um Virílio em delírio, na esteira de um Valéry sonhador. Quem, na cidade, tem mobilidade – e pode percorrê-la e esquadrihá-la – acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente pré fabricadas, é a sua perdição. (Santos, 2006, p. 220).

Aquele que caminha conforme a experiência do homem lento percorre imagens possíveis de serem criadas e apreendidas. Experimenta a cidade de outro ângulo, que não aquele pré-fabricado, fixado, e acelerado pela máquina. O homem lento percorre outras fabulações da cidade. Queremos fazer de nossas caminhadas um ato de lentidão, que crie outras relações com a urbe. Fazer de nossas caminhadas uma errância. Incorporar a cidade.

Referências bibliográficas

- Baptista LA. (1999). *A cidade dos sábios: reflexões sobre as dinâmicas sociais nas grandes cidades*. São Paulo: Summu.
- Benjamin W. (1987). *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense.
- Guattari F. (2012). Restauração da cidade subjetiva. In: Guattari F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, cap. 6, p. 149-158.
- Guattari F & Rolnik S. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- Jacques PB. (2006). Elogio aos errantes. In: Jeudy HP(Orgs.). *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, cap. 9. p. 117-140.

Santos M. (2006). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP.

Sennett R. (2003). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3.ed. Rio de Janeiro: RECORD.

A watercolor illustration of a tree with a complex, branching structure. The colors are primarily blue, yellow, and pink, with some white and light blue accents. The style is soft and painterly, with visible brushstrokes and blending of colors. The tree is positioned on the right side of the page, with its branches extending towards the center.

**AT EM REDE DE CONVERSÇÕES:
GRUPOS UNIVERSITÁRIOS DE PESQUISA E
EXTENSÃO**